

Folha de S. Paulo

10/06/1984

Uma 'montanha' de grãos, laranja e cana

Com terra de invejável fertilidade, boa topografia, elevado índice de mecanização e o mais alto índice de eficiência empresarial de todo o País, a região compreendida pela Divisão Regional Agrícola de Ribeirão Preto (DIRA), uma área de 3,6 milhões de hectares, segundo o agrônomo Luciano Dalmazio Christovam — assistente técnico do órgão —, produziu nesta safra uma "montanha" de grãos, laranja e cana. Os preços, se não satisfizeram a todos os produtores, agradaram à maioria deles que, em muitos casos, ainda guardam as safras, esperando melhor remuneração.

A produção de soja na DIRA, segundo o Christovam, chegou a 7,8 milhões de sacas, enquanto a segunda maior produção, que é da DIRA de Marília — área de tamanho semelhante —, não passou dos 4,8 milhões de sacas. Quanto ao milho, a produção na DIRA de Ribeirão foi de 14,3 milhões de sacas, acompanhada da DIRA de Sorocaba, com 8,1 milhões de sacas. O algodão produziu 5,8 milhões de arrobas, seguido de 4,7 milhões da DIRA de Campinas e o arroz ficou em 1,8 milhão de sacas, contra 1,5 milhão da DIRA de Sorocaba.

Em relação a preços, a soja, este ano, está sendo negociada em torno de Cr\$ 24 mil a saca de 60 quilos, contra Cr\$ 5 mil nesse mesmo período de 83. O algodão chegou a até Cr\$ 15 mil a arroba, contra Cr\$ 6 mil no ano passado. O milho subiu de Cr\$ 2 mil para Cr\$ 9 mil e o arroz de Cr\$ 3 mil para Cr\$ 18 a Cr\$ 20 mil. A produção de cana registrou nada menos de 90 milhões de toneladas, em torno de Cr\$ 17 mil a tonelada, e a laranja somou 82 milhões de caixas, em torno de Cr\$ 5 mil cada uma nas últimas semanas.

É evidente que nem tudo é otimismo, reconhece o agrônomo. Há deformações como a ampliação desmesurada da área ocupada pela cana, os preços baixos recebidos no ano passado e o fato de a alta ter ocorrido apenas em função dos reflexos do mercado internacional. Apesar de tudo, Christovam, ele próprio um produtor agrícola, tem percebido estímulo em meio a seus colegas.

Na Alta Mogiana, principalmente nas proximidades de Ribeirão Preto, a voracidade das usinas em arrancar a riqueza da terra, ainda que os preços do açúcar sejam gravosos no mercado internacional, premia até mesmo os agricultores ausentes — os que trocaram o cultivo agrícola pelo arrendamento. As usinas pagam o equivalente a 60 toneladas de cana pelo arrendamento de um alqueire de terra por safra. As terras não ocupadas pela cana recebem o equivalente a 20 a 25 sacas de soja ou 50 a 70 arrobas de algodão por parte de outros arrendatários e assim a riqueza circula, pelo menos entre os que têm terras. Os bóias-frias, no entanto, marginalizados na distribuição da riqueza, só conseguiram algumas vantagens salariais quando, há algumas semanas, depuseram seus afiados facões de trabalho e se amotinaram em meio à violência. Foi a única rotina que encontraram para se fazer ouvir pelos usineiros da região, que se não ganham muito com o açúcar, faturam alto com o álcool.

A corrida da laranja

Na Alta Mogiana, na Mogiana e regiões vizinhas, as fortunas amealhadas com os lucros da laranja, colocada no mercado internacional sob a forma de suco, lembra uma corrida do ouro.

O presidente da Associação Paulista de Citricultores (Associtrus), Nelson Marquezeli, calcula que a produção de laranja no Estado de São Paulo este ano chegará a 180 milhões de caixas, perto de 92% de toda a produção nacional. A citricultura trazer ao País recursos de pelo menos US\$ 1 bilhão. Perto de 18 mil produtores cultivam a laranja em São Paulo e um exército de 200

mil velhos, mulheres e crianças ganham a vida na colheita da fruta. A cana de açúcar requisita os músculos mais jovens e fortes e, por isso oferece salários um pouco mais compensadores.

Os produtores de laranja, reconhece Marquezeli, também aproveitam a boa maré de preços para trocar seus carros e guarnecer as propriedades de infraestrutura. Em compensação, garante que os donos de indústrias de suco estão comprando o segundo avião e imensas fazendas em São Paulo e outros Estados. Marquezeli cita empresários dessa área que há pouco eram executivos de usinas e que hoje são donos de fábricas próprias, servidas por frotas de caminhões também próprias.

As geadas que se abateram sobre os laranjais da Flórida, nos Estados Unidos, entre o Natal e o Ano Novo passado trouxeram grandes lucros para a indústria de sucos e também, ainda que em menor escala, aos citricultores. A tonelada do suco subiu de US\$ 1.100 para US\$ 1.800 no mercado internacional e a caixa de laranja, no mercado interno, passou de Cr\$ 850 na safra passada para algo em tomo de Cr\$ 5 mil este ano.

O presidente da Associdrus revela que pedirá uma Comissão Especial de Inquérito — CEI — na Assembléia Legislativa para apurar o que considera lucros excessivos conseguidos pela indústria de sucos. Ele conta que há poucos dias um empresário do ramo comprou uma fazenda por Cr\$ 2 milhões, à vista. O próprio Marquezeli — que já é proprietário de 7 propriedades agrícolas — admite que era concorrente à compra da tal fazenda, com a diferença de que se dispunha a pagá-la em três prestações.

A cidade de Pirassununga, onde mora o presidente da Associdrus, é a quarta produtora de laranjas do Estado. De acordo com o prefeito municipal, Fausto Victorelli, os lucros conseguidos com o altivo da fruta refletem-se positivamente na economia local. Não existem lá maiores dificuldades em termos de desemprego, pois, além da colheita da laranja, a mão-de-obra é ocupada nas plantações de algodão e de cana. "É a diversificação agrícola que garante a nossa sobrevivência, pois quando acaba uma safra, começamos a outra. E assim temos ocupação o ano todo", contenta-se o prefeito. As dificuldades realmente, ele lamenta, ocorrem "com o pessoal que não é do trabalho braçal". Entre janeiro e fevereiro deste ano caiu o movimento do comércio local, mas pelo menos em termos do ICM, o prefeito espera recuperação com as safras agrícolas. A previsão de recolhimento e ICM este ano é de Cr\$ 950 milhões, mas até maio já se chegou a Cr\$ 484 milhões e isso dá a Victorelli a segurança de que a estimativa será ultrapassada.

O presidente da Associdrus entende que o movimento do comércio poderia melhorar na cidade e na região, caso as indústrias do suco melhorassem a remuneração dos apanhadores de laranja. Apesar da revolta recente dos trabalhadores em Bebedouro, em Pirassununga ainda se paga Cr\$ 168 por caixa de laranja colhida. Os trabalhadores, queixa-se Marquezeli, "são desnutridos, têm problemas de vista e são parcialmente inaptos para o trabalho: com isso, provocam uma perda de 7% na produção dos laranjais e somos nós, produtores, que arcamos com isto".

Com um mínimo de assistência, inclusive o fornecimento de bóia-quente ao invés de bóia-fria, o citricultor estima que a eficiência seria aumentada e as perdas reduzidas à 2% da produção. Marquezeli diz que vêm tentando convencer as indústrias da necessidade de melhorar a vida dos apanhadores "até mesmo para evitar violência social, mas os industriais são imediatistas".

Futuro incerto

Duas centenas de quilômetros além de Pirassununga e a 50 quilômetros de Ribeirão Preto, o assessor-técnico da Cooperativa dos Agricultores de Orlândia (Carol), Roberto de Assis Sordi, também reflete sobre o imediatismo. Os preços recebidos pelos associados da Coral foram inegavelmente elevados em comparação aos do ano passado, mas os custos de produção

também subiram e Sordi não sabe o que pode acontecer nas safras futuras, receando conclusões apressadas.

Ele não esconde, no entanto, o contentamento dos associados da Carol — espalhados por 50 municípios, alguns fora dos limites da Alta Mogiana — que, nesta safra produziram que 3,15 milhões de sacas de soja, ao valor previsto de Cr\$ 69,3 bilhões e 6 milhões de toneladas de cana que devem render Cr\$ 100 bilhões.

De qualquer maneira, a terra roxa de Orlândia e sua subsede — composta de mais de 10 municípios produziu neste ano riquezas representadas por pelo menos 77 mil toneladas de soja, no valor de Cr\$ 10 bilhões, sem contar os lucros da cana e outros produtos de subsistência.

Migração do café

A pouco mais de 100 quilômetros de Ribeirão Preto, o coordenador da unidade local da Cooperativa Central Avícola do Paraná (Cocap), José Carlos Jordão da Silva, entende que para ter lucros, o produtor agrícola deve cuidar de sua safra não só durante a produção, mas principalmente na comercialização. Franca, um dos grandes centros produtores de café do Estado de São Paulo, potencialmente têm condições de produzir perto de 1 milhão de sacas de café e este volume tende a aumentar no futuro imediato. A cafeicultura, fustigada pelas geadas do Paraná, migra para a região de Franca e para o Sul de Minas.

As dificuldades climáticas deste ano cafeeiro em Franca reduziram, a produção, estimada inicialmente em 500 mil sacas, para 430 mil e Jordão entende que a melhor maneira de um cafeicultor elevar seus lucros é estocar o café durante o inverno, quando as cotações tendem a subir pelos riscos de geadas. Ricardo Rosa Rodrigues Alves, gerente de comercialização da Cocap, argumenta em favor de Jordão que o mercado internacional do café ressurte-se de baixos estoques provocados por juros elevados e pela queda de produção nos países africanos e América

Central, devido a dificuldades climáticas e ou políticas.

Os cafés finos da região tem alcançado preços em torno de Cr\$ 120 mil a saca de 60 quilos, mas podem subir ainda mais. Os produtores, na falta de recursos oficiais, tiveram que valer da venda do milho — principal produto da região após o café — para financiar a colheita, mas acham vale a pena esperar pela passagem do inverno. Aproximadamente mil sacas de milho já foram comercializadas este ano, principalmente junto a empresas multinacionais, mas não foram suficientes para produzir efeitos multiplicadores visíveis na economia regional.

Oferta de empregos

Enquanto os lucros do café não chegam, Franca beneficia-se de sua efervescente indústria calçadista, a qual lhe permite ser uma das poucas cidades brasileiras a dar-se ao luxo de enfrentar falta de mão-de-obra.

A cidade deve participar este ano com 20% da produção nacional de sapatos, prevista em 200 milhões de pares, e se responsabilizará pelo embarque de 15% das exportações, estimadas em 100 milhões de pares. As 400 indústrias da cidade, de acordo com Ivânio Batista, diretor do Sindicato da Indústria de Calçados de Franca empregam 30 mil pessoas diretamente e outras 70 mil como linha auxiliar das linhas de montagem, de forma que a metade da população da cidade de alguma forma liga-se à indústria calçadista.

O porteiro do prédio do edifício do sindicato, por exemplo, ganha muito mais à noite, costurando sapatos, do que em seu emprego principal. As senhoras que tagarelam de janela a

janela, também costuram sapatos e assim contribuem para que Franca exiba uma renda familiar média invejável — Cr\$ 600 mil mensais.

A movimentação da indústria de calçados este ano deve-se muito mais às exportações — que podem superar US 1 bilhão, principalmente para os Estados Unidos — pois o mercado interno está retraído. Como forma de garantir a mão-de-obra necessária para o cumprimento dos compromissos externos, a indústria de calçados está ampliando suas fábricas para municípios vizinhos como Pedregulho e Patrocínio Paulista.

Essa disposição da indústria e o volume de ofertas de empregos publicadas nos dois jornais locais surpreenderam um jornalista de uma revista norte-americana que visitou recentemente a cidade. "Ele não entendia o descompasso do Brasil e relação a Franca", orgulha-se Ivânio Batista. Da rota de tropas que unia São Paulo ao sertão de Goiás, no final do século passado, Franca herdou os primeiros curtumes, montados para aproveitar o couro do gado abatido para alimentação dos viajantes. Hoje, a folha de pagamento dos trabalhadores da indústria de calçados soma Cr\$ 2,59 milhões, segundo levantamento de dezembro passado. A cidade fatura, também segundo dados de dezembro, Cr\$ 6,2 bilhões mensais no Estado de São Paulo com a venda de sapatos. Nos demais Estados da Federação o faturamento de Franca sobe para Cr\$ 7,5 bilhões, sem falar no faturamento do exterior que é de Cr\$ 7,63 bilhões. Nada menos que 35.500 lojistas se abastecem de calçados na cidade. Mesmo com o retrocesso no consumo interno, essas compras movimentam intensamente a economia local.

(Economia — Página 5)